

# Yemanjá

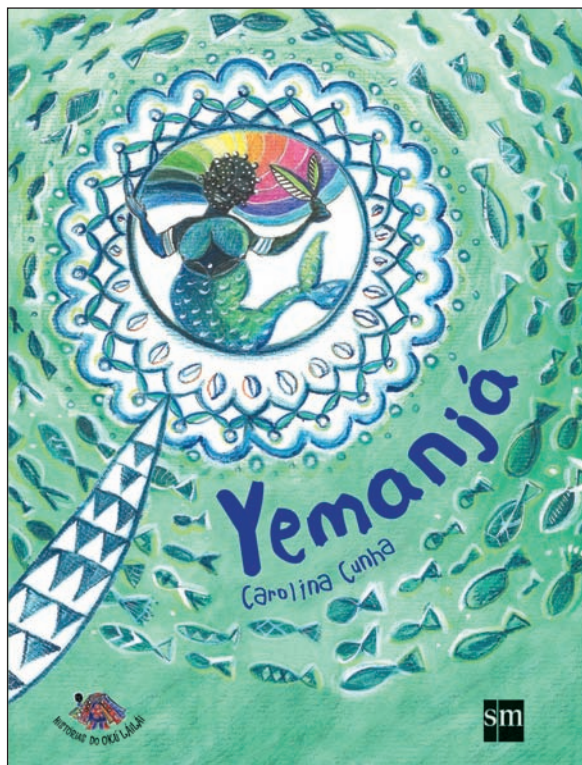
Carolina Cunha

Ilustrações da autora

Temas África; Cultura afro-brasileira; Cultura yorubá



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



64 páginas



**A AUTORA E ILUSTRADORA** Carolina Cunha nasceu em Salvador, a cidade mais africana do Brasil. Sua infância e mocidade foram marcadas por inesquecíveis viagens ao místico Recôncavo baiano, especialmente à cidade de Cachoeira (onde é mais forte a presença dos africanos jêjes), e à Ponta da Areia, na Ilha de Itaparica (que abriga o mais antigo culto aos eguns yorubás). Mas foi quando conheceu o babalaô Pierre Fatumbi Verger (1902-1996) e Cici Ibijare, a Otun Iyá Elefun do culto de Oxalá no terreiro Ilê Axé Opô Aganju, que Carolina decidiu escrever histórias de orixás. Desde então, nunca mais parou de se dedicar aos estudos afro-brasileiros. A orientação fundamental dos dois mestres ampliou sua compreensão sobre os costumes e expressões artísticas africanas e é destacada com reverência nas primeiras páginas de seus livros. Em 2002, publicou *Aguemon*, pela editora Martins Fontes, por ocasião do centenário de Verger. Pela Edições SM, lançou *Caminhos de Exu*, série azul da coleção Barco a Vapor, em 2005.



2008986275034



## A COLEÇÃO

---

Histórias do Okú Láí Láí quer dizer “histórias de tempos muito, muito antigos”. Na língua yorubá, “okú” é o mesmo que “ikú”, morte. E “láí” significa passado. Okú Láí Láí! é, precisamente, a saudação de honra mais importante que se presta aos ancestrais.

Inspirada na mais exuberante e misteriosa figura do imaginário yorubá representada por Babá Egum (“babá” quer dizer pai e “egum”, espírito), o espírito dos ancestrais que retorna à Terra para visitar os familiares, a autora inicia esta coleção dedicada à divulgação da cultura dos candomblés evocando dois dos mais poderosos orixás de origem nagô: Eleguá – o imprescindível mensageiro de Olodumaré, o mesmo que Olorum, o deus supremo dos yorubás, e Yemanjá – a mãe do mundo e dos deuses yorubás.

Em sua reconstrução alegórica do mundo, estabelecida pela força da oralidade e da iconografia ritualística, todo o espaço dos livros é povoado de imagens, sons, afetos, marcas, reminiscências. Com isso, a autora reacende a importância de prestigiar a intelectualidade yorubana e o vínculo estreito, mas pouco lembrado, entre o Brasil e o continente africano.

A saudação é o movimento inicial; sinaliza a abertura, o pedido oficial de licença para adentrar em território sagrado: “Ago”, como se diz em yorubá. Em seguida, outras preciosidades da mitopoética jêje-nagô são trazidas com o objetivo de despertar os mitos: orikis ou poemas, orins ou cânticos, orações, onomatopéias, palavras mágicas – que também aparecerão durante e depois dos itans, as histórias narradas. A voz, acompanhada por palmas, gestos, danças e instrumentos, é apenas um dos recursos utilizados na comunicação.

Em seguida, um prólogo convida o leitor a refletir sobre as origens do Universo. E como as versões sobre o momento da criação variam no próprio território africano, cada livro da coleção traz uma delas.

Só depois disso, então, é que vêm as histórias. Nessa parte, a autora foge um pouco à tradição nagô, acrescentando elementos oriundos de vários itans. A linguagem utilizada por ela mantém todo o sabor da oralidade e cultiva a idéia de que o som e o significado das palavras são indissociáveis. O mergulho poético é intensificado com termos e exclamações do idioma original, introduzidos constantemente nos diálogos.

Na parte final, que varia de tamanho conforme a divindade homenageada, o livro traz curiosidades e informações extras



explicando por quê, depois de tanto tempo, esses santos-heróis continuam sendo lembrados fora da África.

O cruzamento desses múltiplos legados lingüísticos reflete um texto elaborado e acessível, constituído de uma simbologia coletiva e de uma utopia jêje-nagô, que ultrapassa o universo da religião e da cultura afro-brasileira para questionar a cena contemporânea mais ampla.

Cheias de humor e atitude, as ilustrações demonstram forte envolvimento com o divino e estabelecem conexões analíticas inusitadas que agregam consistência às narrativas.

Em sintonia com as tradições dos terreiros, os deuses são identificados por um sistema de cores aparentemente simples, porém rico em analogias. Esse código cromático está atrelado às modulações de temperamentos, aos poderes, às forças naturais e sobrenaturais e aos domínios em que as ações mágicas transcorrem.

Na geografia dessas histórias, tudo se reconcilia com as concepções cosmológicas dos povos jêje-nagôs. A África aqui apresentada é vasta: está estampada nos panos de fundo, na padronagem dos tecidos, nos adornos, nas pinturas de efun (em cor branca), na paraféria religiosa dos sábios, na geometria das formas, na fisionomia teatral e nas escarificações das faces humanas, nas comidas, na indumentária etc. Sempre se descobre algo novo ao olhar com atenção.

## JÊJES E NAGÔS

Sobre a vinda dos escravos negros africanos para o Brasil, Pierre Verger informa que ocorreu em quatro períodos principais:

1. no século XVI, vindos da região da Guiné;
2. no século XVII, vindos da região de Angola e Congo;
3. no século XVIII, vindos da região da Costa da Mina;
4. e no século XVIII, entre 1770 e 1850, vindos da região da Baía de Benin.

Foi neste último período, segundo ele, que vieram daomeanos, chamados jêjes, e os yorubás, chamados nagôs; estes predominaram por volta de 1830 – momento de guerra e desordem em suas terras.

## O IFÁ

É o grande oráculo dos yorubás e o seu berço é Ilê-Ifé. É o livro não escrito que contém todas as sabedorias e ciências; importante corpo de arte verbal que inclui mitos, folclores, expressões de louvor,



### OFERENDA DA PAZ

As cerimônias de adivinhação sempre incluem a prescrição de um ebó, de uma oferenda. A finalidade do ebó é apaziguar o destino, seja ele qual for. Deve ser feito para uma pessoa em razão de alguma crise ou enfermidade, como um tratamento receitado por um médico. A fórmula varia, conforme a natureza do problema detectado na consulta. E para cada caso há um ebó. Essa oferenda revela-se como a maior fonte de comunicação entre todas as forças do Universo e estabelece um acordo de paz entre o orum (céu ou além) e o ayê (Terra ou mundo dos vivos). Desobedecer à indicação dada pelo jogo da adivinhação é contrariar o destino.

encantações, cantigas e provérbios. Os princípios dinâmicos que atuam nesse sistema são simbolizados pelas divindades e transmitidos em forma de versos pelos babalaôs durante as consultas. Ifá é o próprio deus da adivinhação e dos ikin, os caroços de dendê; é ele quem rege a intercomunicação entre os diferentes domínios do Universo e fornece as referências da memória coletiva desses povos. Não existe nenhum assunto que não possa ser revelado pelo Ifá.

Orumilá foi o primeiro babalaô (adivinho) e também responde pelo nome de Ifá.

Ifá é representado por 16 odus principais, que devem ser entendidos como capítulos do livro divinatório. Calcula-se que há um total de 4.096 odus. A cada odu se conecta uma série de histórias. Cada história representa um caminho, um destino. Os odus também se dividem entre as diversas especialidades médicas. Um rege o sistema respiratório. Outro, o aparelho digestivo. Há aquele que cuida do sistema nervoso, o que trata o aparelho reprodutor e assim por diante.

O Ifá ocupa lugar central na religião dos yorubás, bem como em sua estrutura social. Está relacionado à física, à matemática, à história, à filosofia e à medicina. Ao consultar o oráculo de Ifá, os yorubás podem ver o que aconteceu ou foi observado no passado, para que possam aprender com as experiências já vivenciadas.

No Brasil, essa tradição se perdeu. Com a abertura econômica das últimas décadas, o consumismo e a globalização, muitos sacerdotes acabaram simplificando a prática e perdeu o mais fácil, o “dilogun”, o jogo dos 16 búzios.

## QUEM É YEMANJÁ

Na África, Yemoja (a pronúncia aproximada é “Yemodjá”) é a deusa do povo egbá, que outrora habitava a região situada na bacia do rio Oshun, onde ainda existe o rio Yemoja. No início do século XIX, por causa das guerras com os daomeanos, os egbás foram obrigados a migrar para o oeste, para Abeokutá, na região centro-sul do país yorubá. Lá, Yemanjá ganhou nova morada e passou a ser cultuada nas margens do rio Ògùn, que nada tem que ver com o orixá Ogun. Muitas pessoas que prestavam culto a Yemanjá foram feitas prisioneiras e vendidas pelos daomeanos para o tráfico de escravos. Hoje restam bem poucas.

Apesar de continuar sendo saudada com a exclamação “Odo Iyá” (a mãe do rio), na Bahia, para onde grande quantidade de egbás de Abeokutá foi trazida, Yemanjá tornou-se deusa das águas sal-



### A NATUREZA SAGRADA

Na concepção cosmogônica dos yorubás, bem como entre os nagôs brasileiros, um conjunto de proibições é mantido dentro dos cultos religiosos, tal como o de não utilizar determinados animais, fazer restrições quanto ao uso dos gestos e ao consumo de certos tipos de alimentos. Essas relações são estabelecidas nos mitos, aparecendo como uma ideologia de caráter produtivo e harmonioso entre a caça e a coleta. A função de tal ideologia é preservar e manter o equilíbrio das espécies bem como controlar a exploração dos insumos na natureza. Os ewós, ou proibições, acabam sendo recompensados pela manutenção e preservação da natureza.

gadas. Isso se deve ao fato de Yemanjá ser miticamente considerada filha do poderoso orixá Olokum (o oceano), como a autora conta logo no prólogo. De acordo com essa lenda, Olokum tem papel tão importante na obra da criação como aquele correspondente a Olorum, o ser supremo. A verdade guardada nessa interpretação está na eterna comunhão entre o céu e o mar. No entanto, no dia da festa de Yemanjá em Salvador, as primeiras cerimônias sempre ocorrem nas águas doces do Dique do Tororó antes de seguir para o mar.

Para os yorubás das regiões de Benin, Lagos, Porto Novo e Ifé, Yemanjá (ou Yemowo) forma com Obatalá o primeiro casal divino. Já em Oyó, uma variante dessa lenda diz que ela seria filha de Obatalá e esposa de Aganju. De um jeito ou de outro, todos concordam que o nascimento dos orixás é fruto da complicada relação que Yemanjá teve com um de seus filhos, e cujo amor pecaminoso foi repellido por ela com repugnância, levando-a fugir, transformando-se em água para sempre.

### IYALADÊ ASSABÁ, A GUARDIÃ DA COROA - PRIMEIRA HISTÓRIA

Esta é uma história de Yemanjá que, no Brasil, só os antigos conhecem e sabem contar porque é trazida por um odu de Ifá. E como essa tradição oracular desapareceu há mais de 50 anos, já não se ouve falar tanto dela por aqui. Em Cuba, onde a tradição do Ifá parece ter sido bem preservada, é perfeitamente conhecida.

Trata-se de uma história de Yemanjá ligada a Orumilá-Ifá e ao culto da adivinhação. Neste contexto, Yemanjá é uma mulher em idade madura, porém muito vaidosa. Ela representa o mar, sua incomensurável beleza que deslumbra e seduz, e sua força devastadora, que obriga a humanidade a admirá-lo, temê-lo e respeitá-lo. Yemanjá Assabá, cujo olhar é insustentável, é perigosíssima. No candomblé e na *santería*, quando se pronuncia o nome dela, é preciso guardar certa distância. Para ouvir seus filhos, ela costuma ficar de costas, quando muito se inclinando ligeiramente de perfil. É considerada a “Maior das Santas”, pois deu vida às criaturas, que nascem e morrem como a lua. Na disputada hierarquia dos deuses yorubás, Assabá é ainda mais temível e mais elevada do que Oyá, orixá dona do Cemitério, do Relâmpago, do Vendaval, e concubina de Xangô.

Orumilá é referido por vários orikis como *Eleri ìpin* (conhecedor do infinito), *O pitan Ilé-Ayé* (narrador da história) e *Omoran Ilê-Ifê* (conhedor de todos os segredos de Ilê-Ifé). Em Kêtu, dizem que ele teria vindo da Arábia Saudita, na migração do povo seguidor de Odudua, fundador de Ilê-Ifé. Caminhou muito, inclusive até Meca e outras partes do mundo, divulgando suas práticas e doutrinas, em benefício da humanidade.

Para o povo yorubá, Ilê-Ifé é o berço da humanidade, o local onde a raça humana teria sido criada, porque foi para onde os primeiros filhos de Olorum (ou Olodumaré) foram enviados.

Nessa missão, Orumilá tem papel importante graças à sua sabedoria. Aquilo que ele vê e interpreta no jogo é como o diagnóstico, a prescrição para a cura, a solução de um problema. Suas determinações não devem ser ignoradas porque, com inteligência, é ele que consegue fazer com que os pedidos sejam atendidos por Olodumaré.

“Miúdo, franzino, de temperamento reservado” parecem qualidades inerentes aos seres frágeis. Mas “sem esqueleto” pressupõe que Orumilá-Ifá seja um ser encantado, do outro mundo, não um homem comum. Quando verifica que Yemanjá lhe desobedeceu sentando em seu lugar e fazendo uso de seus apetrechos, o “pai do segredo” transforma-se em um homem vigoroso, intransigente e extremamente rigoroso, a ponto de não suportar a transgressão e expulsar a mulher de casa. A questão do acesso ao conhecimento e da definição dos papéis sobre a detenção do saber na alta sociedade dos yorubás fica clara nesse ponto da história. Foi por vontade de Olofi que os dois se casaram, como foi Olofi quem determinou que nenhuma mulher poderia presidir o Ifá.

Mas Yemanjá não era uma mulher qualquer. Também ela era sábia e tinha o dom divino de interpretar os sinais do destino e os tratamentos recomendados pelo oráculo aos que o procuravam. E como foi que ela aprendeu a manipular e adivinhar os odus? Em essência, Yemanjá tem a compreensão de todas as coisas, porque foi quem as gerou. Ela conhece os caminhos do segredo, porque é dela que todos os caminhos partem.

A história conta que Yemanjá não encontrou limites em sua ação e acabou por ocupar um posto reservado unicamente ao sacerdote dono do conhecimento, do segredo e da magia. Nesse conflito direto com Orumilá, Yemanjá reiterou a importância dele, pois proibições não se discutem. Cada um, da sua perspectiva, se viu com razão. Porém o que prevaleceu foi a determinação do Ifá.

O relacionamento que se dá em seguida, entre Yemanjá e o orixá Erinlé (ou Inlé), é, na realidade, outra história amarrada na anterior com a intenção de criar uma conexão analítica sobre o aspecto da “proibição” e do que pode acontecer com aqueles que agem em desrespeito às leis da natureza.

Os dois vivem juntos durante um tempo, mas quando Erinlé finalmente oficializa o seu pedido de casamento, Yemanjá propõe um acordo em cuja base está a proibição que selará o destino do caçador: “Jamais você deverá ridicularizar o tamanho de meus seios”.

Mas tendo bebido vinho de palma em excesso, um dia Erinlé

### O ANO-NOVO DE YEMANJÁ

Até pouco tempo, as manifestações das crenças religiosas africanas foram toleradas por causa de um sincretismo inventado pelos negros para poder cultuar seus santos em paz, no tempo da escravidão; de outro jeito não era permitido. Foi assim que, sincretizada com a Nossa Senhora dos católicos, Yemanjá ganhou prestígio e popularidade em todas as camadas da sociedade cubana e brasileira. É claro que ela não é mais a mesma. Nem poderia ser. Aqui, o rio de Yemanjá é o mar, este mar Atlântico que atrai multidões às praias no ano-novo. A matriz, a grande matriarca, com seu axé assentado sobre conchas e pedras marinhas, está na África. Mas, na virada do ano, quando todos estão tomados pelo sentimento de renascimento, de renovação, é a ela, à velha dona do mar, Yemanjá, que milhões de pessoas recorrem vestidos de branco, levando flores, presentes para pedir um novo começo da vida e do mundo.

### RITUAIS DA GRANDE MÃE

O tema dos rituais tem sido amplamente pesquisado por antropólogos e historiadores das religiões. As sociedades humanas primitivas praticavam rituais nas ocasiões mais significativas da vida: nascimento, iniciação na vida adulta, caça, guerra, casamento, morte, sepultamento, bem como nos momentos mais marcantes do curso da natureza, ligados à semeadura, à colheita, aos solstícios de verão e de inverno etc. Assim, ficavam registrados os grandes acontecimentos da vida, e toda a comunidade participava deles. Se seguirmos esses traços, vamos encontrar nos rituais primitivos a origem de dramas, danças, jogos, práticas religiosas e costumes que persistem até hoje, sob várias formas. Nesse sentido, a imagem da mãe revela-se o mais poderoso e universal dos arquétipos. Ela encerra amor, aconchego, apoio, sabedoria, sedução, e também um aspecto misterioso, perigosamente devorador. A figura da mãe, revestida desse arquétipo, é o primeiro ser feminino com o qual o homem tem contato. Não surpreende, portanto, que sejam tão estreitas as relações do futuro homem com sua mãe, nem que ele encontre tanta dificuldade em desvincular-se dela para seguir, independente, seu desenvolvimento.

se descuida e diz o que não devia, descontrolado, pagando depois com a própria língua. Ao contrário da primeira parte da história, as conseqüências não são desalentadoras, são devastadoras. Daí um ditado muito comum e não só entre os filhos de Yemanjá: “Minha cabeça me salva ou me perde”. E Yemanjá só encontra a paz quando, novamente, chega ao seu elemento natural, o mar, as águas.

### O ENCANTAMENTO DAS FAVAS – SEGUNDA HISTÓRIA

Esta é uma história especialmente marcada pela oralidade. A intenção desse efeito é dar uma carga poética ao cotidiano de muito suor, esforço e perseverança do personagem, o humilde lavrador, análogo à participação dos negros jêje-nagôs na formação da cultura brasileira e latino-americana.

Há alguns ensinamentos yorubanos nesta narrativa: o respeito à terra, responsável por fazer o ser humano persistir em sua luta por prosperidade e continuidade, seu sonho por uma colheita justa; o louvor ao trabalho, pois tudo que o homem consegue reconhece ser fruto deste.

Algumas descrições, ricas em detalhes, fortalecem a idéia de um processo complexo de plantação, em comparação ao estilo de vida simples do agricultor que recorre à ajuda de um cachorro para desvendar o mistério do sumiço das favas na sua roça. O animal inspira confiança ao lavrador por ser um elemento mais próximo da natureza, mais livre para perceber as sutilezas e os movimentos ao seu redor. E é justamente o animal que fareja e descobre que o “ladrão de favas” é ninguém menos que Yemanjá.

Outro aspecto importante a ressaltar é como o lavrador enxerga Yemanjá: aos poucos. É uma visão muito forte; não só pelo assombro diante do desconhecido, como também porque Yemanjá não se mostra logo. Ela aparece com cerimônia, envolta em poeira de luz, com tanta beleza e formosura nos movimentos que o lavrador é tomado por encanto. Sem uma palavra o encantamento o faz compreender de quem se trata. Dali em diante a oferenda estava compromissada: Yemanjá teria as favas que apreciava. E, em retribuição, para lembrar a dimensão dos poderes de Yemanjá, aquela se tornou a maior roça de favas da região.

As cantigas encontradas no final desta história são tiradas sempre que Yemanjá dança com seu cão invisível nos ciclos de festas das Ayabás.

## O LIVRO EM SALA DE AULA

### ANTES DA LEITURA

O primeiro contato com o livro deve vir de uma aproximação estética produzida a partir da totalidade; por meio das descobertas de novas representações de uma natureza previamente conhecida. Folheá-lo, refletir sobre a capa, a contracapa, os diferentes tamanhos e tipos de letras, títulos, subtítulos, cores, texturas, ilustrações. O professor pode, em um primeiro momento, propor que os alunos comentem as suas impressões sobre a variedade de formas e de linguagens utilizadas, antes de qualquer conversa sobre o conteúdo. *Yemanjá* é muito feliz para esse tipo de abordagem inicial, pois é um livro que disponibiliza uma série de recursos estilísticos. Depois, em um segundo momento, deve estimular uma conversa com os alunos sobre seus conhecimentos prévios acerca dos assuntos envolvidos direta ou indiretamente no livro.

### DURANTE A LEITURA

1. Realizar uma leitura compartilhada, em voz alta, com os alunos sentados em roda de maneira que todos possam participar ativamente, escolhendo trechos, apresentando e discutindo as ilustrações em relação ao que foi lido. Como as narrativas vêm da tradição oral, esse é um bom exercício para treinar o vocabulário e, principalmente, de expandir a capacidade do aluno de colocar-se no lugar do outro, no ambiente cultural do outro.
2. Enfatizar o poder da palavra, motivando os alunos a pensar no cuidado com a pronúncia, com o tom de voz na transmissão da mensagem e com o compromisso estabelecido entre o universo real e o universo simbólico, pelo seu uso. É importante destacar que, entre os yorubás, a palavra é sagrada, dotada de axé (*Àse*). A partir dessa reflexão, é interessante propor uma atividade de “caça às palavras mágicas” no livro, que pode ser realizada como uma brincadeira em sala de aula ou como lição de casa.
3. Aprofundar o conceito de axé, identificando, além da palavra, o axé do toque, o axé da natureza, o axé que está em nós, o axé dos pós mágicos, o axé das ervas, o axé das comidas etc. Ou ainda, fazer com que os alunos descubram no livro as ocorrências e os diferentes sentidos da palavra axé.
4. Localizar as cidades citadas como originárias do culto de Yemanjá no mapa africano, procurando identificar outros aspectos como distâncias e origem de grupos étnicos.
5. Estimular uma conversa sobre as metamorfoses dos deuses, encontrando-as no livro e comentando-as caso a caso; comparando as metamorfoses divinas dos yorubás com as metamorfoses ocorridas em histórias de outros povos, por exemplo, dos índios brasileiros, dos celtas, dos egípcios, dos gregos, dos indianos e de outros povos africanos.

#### IMPORTANTE

Em algum momento desta interpretação, é fundamental que o professor forneça parâmetros sobre a função dos mitos e de suas versões, bem como sobre a diversidade de mitos produzidos por outros povos.



## DEPOIS DA LEITURA

Vale a pena buscar mais referências sobre Yemanjá nos sincretismos com outras religiões trazidas para o Brasil e para outros lugares da América Latina, tema que pode ser abordado de acordo com os níveis de compreensão da série com a qual se trabalha. Também é pertinente pedir aos alunos para procurar no repertório literário brasileiro e de música popular as muitas homenagens feitas a Yemanjá por poetas e compositores célebres como Luís Gama, Gregório de Matos, Manuel Bandeira, Castro Alves, Assis Valente, Vinícius de Moraes, Dorival Caymi, João Gilberto, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Marisa Monte, Otto, José Paes de Lyra etc.

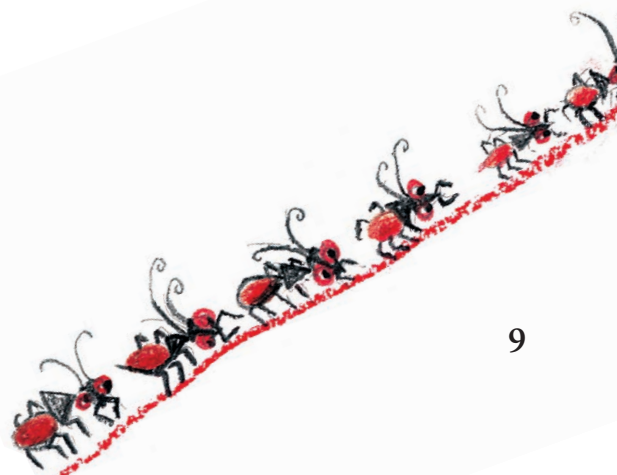
A generosidade e a fúria, atributos da mãe das águas, são possibilidades interpretativas e associativas ao estudo da água como elemento fundamental da natureza.

- A necessidade vital da água para a sobrevivência humana – do funcionamento do organismo às plantações, como no caso do humilde lavrador da história *O encantamento das favas* – pode favorecer a reflexão e o início de um estudo sobre a importância da água como fonte geradora de vida, chamando a atenção dos leitores para o que está acontecendo em nosso planeta: escassez, poluição, enchentes, maremotos. Quais são as possíveis conseqüências disso no futuro? O que pode ser feito no presente? A fúria das águas, acionada pela própria natureza ou pelos efeitos de ações negativas do homem, mostrou ser um dos ensinamentos mais antigos da história.
- Buscar informações sobre outros mitos yorubás referentes aos elementos da natureza é mais um caminho para tratar da influência dessas culturas na formação da brasilidade, conhecimento que, certamente, ajudará o leitor a compreender a África e o negro no mundo contemporâneo.

## SUGESTÕES DE LEITURA

### INFANTO-JUVENIL

- *As panquecas de Mama Panya*, de Mary e Rich Chamberlin. São Paulo: Edições SM, 2005. Coleção Cantos do Mundo.
- *Histórias de Ananse*, de Adwoa Badoe. São Paulo: Edições SM, 2006. Coleção Cantos do Mundo.
- *O chamado de Sosu*, de Meshack Asare. São Paulo: Edições SM, 2005. Coleção Cantos do Mundo.
- *Caminhos de Exu*, de Carolina Cunha. São Paulo: Edições SM, 2005. Coleção Barco a Vapor, série Azul, 10.
- *Mzungu*, de Meja Mwangi. São Paulo: Edições SM, 2006. Coleção Barco a Vapor, série Vermelha, nº 14.
- *Aguemon*, de Carolina Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- *Eleguá*, de Carolina Cunha. São Paulo: Edições SM, 2007. Histórias do Okú Láí Láí.



- *O mapa*, de Marilda Castanha. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.
- *Oxóssi, o caçador*, de Pierre Fatumbi Verger, com ilustrações de Enéas Guerra. Salvador: Corrupio, 1982.
- *Um passeio pela África*, de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- *Lendas africanas dos orixás*, de Pierre Fatumbi Verger e Carybé. São Paulo: Corrupio, 1983.
- *Ogum, o rei de muitas faces e outras histórias dos orixás*, de Lídia Chaib e Elizabeth Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

## PARA O PROFESSOR

- *A África na sala de aula – Visita à História contemporânea*, de Leila Leite Hernandez. São Paulo: Editora Selo Negro, 2005.
- *A família de santo nos candomblés jêjes-nagôs da Bahia – Um estudo das relações intergrupais*, de Vivaldo da Costa Lima. Salvador: Corrupio, 2003.
- *Antologia do negro brasileiro*, de Édison Carneiro. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros – como ialorixás e babalorixás passam seus conhecimentos a seus filhos*, de Mãe Beata de Yemonjá. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.
- *O candomblé da Bahia*, de Roger Bastide. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- *O povo do santo – religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*, de Raul Lody. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- *Uma visita ao museu Afro Brasil*, de Ana Lucia Lopes e Maria da Betânia Galas. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2006.
- *África e Brasil africano*, de Marina Mello e Souza. São Paulo: Ática, 2006.

## SITES

Casa das Áfricas: [www.casadasafricas.org.br](http://www.casadasafricas.org.br)

CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais: [www.afroasia.ufba.br](http://www.afroasia.ufba.br)

Fundação Pierre Verger: [www.pierreverger.org.br](http://www.pierreverger.org.br)

Museu Afro Brasil: [www.museuafrobrasil.com.br](http://www.museuafrobrasil.com.br)

Programa Mojobá: [www.acordacultura.org.br](http://www.acordacultura.org.br)

